**O fantasma como suporte do desejo**

Maria Carolina de Araújo Marques

O que farei nesse trabalho será tentar esclarecer o que Lacan quer dizer com seu aforisma “o fantasma é o suporte do desejo”, que aparece em diversos momentos de sua obra. Nesse texto adotarei o termo fantasma, advertida da divergência de alguns tradutores, que adotam o termo fantasia, e que algumas citações que reuni aqui, adotam, e por se tratarem de citações, não as mudarei. Essa discussão ficará excluída por ora.

Lacan define o fantasma como a posição do neurótico em relação ao desejo. “É, pois, a posição do neurótico em relação ao desejo, digamos, para encurtar, a fantasia” (LACAN, 1966, p. 644). Afirma no texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, presente nos Escritos. Essa definição já apresenta em si a impossibilidade de falar de fantasma sem ser de forma articulada com o desejo, pois, como veremos, é através do fantasma que o sujeito pode ter notícias de seu desejo, que é por definição inconsciente.

Lacan (1966) inscreve o fantasma sob uma fórmula: $ <> a (lê-se: sujeito barrado, punção de a; ou seja: sujeito barrado em uma relação lógica com o objeto a).

Trago uma citação de Lacan sobre essa fórmula no Seminário A Lógica do Fantasma:

“$ <> a, S barrado punção de a, isso entre parênteses. Eu lembro o que significa o S barrado: o S barrado representa, sustenta nessa fórmula o lugar do que ele reenvia, concernente à divisão do sujeito, que se encontra no princípio de toda a descoberta freudiana e que consiste nisso: que o sujeito é, por um lado, barrado daquilo que o constitui propriamente, enquanto função do inconsciente. Essa fórmula estabelece alguma coisa que é uma ligação, uma conexão entre esse sujeito enquanto assim constituído e alguma coisa outra que se chama pequeno a.” (LACAN, 1966, p. 12).

Lacan lembra o que é o sujeito barrado. Quando falamos em sujeito na psicanálise, estamos falando em sujeito da linguagem. Dizemos que o sujeito da linguagem é barrado, dividido. Ele é dividido pela linguagem. Por quê? Porque não encontra significante que o represente. Isso quer dizer que não há uma palavra que apague o efeito da palavra, que é precisar de outras palavras para haver significação. Essa divisão não é exata, surge um resto, o objeto a, que tratarei mais adiante.

O sujeito, portanto, não encontra significante que o represente, a não ser para outro significante, e desse outro, é obrigado a eleger mais outro, e outro, e assim por diante, não encontrando nunca uma representação última, sendo assim forçado a se representar em uma metonímia infinita, pois não há significante que encerre a metonímia, ou seja, não há palavra que elimine o efeito da palavra. O sujeito é barrado, deste modo, de sua significação. “É fundamentalmente a linguagem que introduz a dimensão do ser, e ao mesmo tempo, a tira dele”, nos diz Lacan no Seminário O Desejo e sua Interpretação (p.159). Então, é pela incidência do significante que se desvanece a existência do ser do sujeito. É aí que entra a função da pergunta, que se articula com a questão do fantasma. Nas palavras de Alfredo Eidelsztein:

“O que a psicanálise descobre é que, justamente, onde se manifesta a falta de existência do sujeito, aí mesmo é onde o sujeito se sustenta, mas em forma de pergunta: sou aí onde me pergunto quem sou; o que me sustenta é a função da pergunta.” (EIDELSZTEIN, 2017, pág135)

Ainda no Seminário O Desejo e sua Interpretação, Lacan diz que “é como sujeito barrado que ele pode, que ele deve, que ele pretende encontrar a resposta.” (LACAN, 1958, p. 404). O sujeito pretende encontrar uma resposta para a questão de sua existência. Sobre tal questão trago outra citação de Lacan, dessa vez no texto De uma questão preliminar, nos Escritos:

“É que a questão de sua existência coloca-se para o sujeito, não sob a feição da angústia que ela suscita no nível do eu, e que é apenas um elemento de seu cortejo, mas como uma pergunta articulada: “Que sou eu nisso?”.”(...) “Que a questão de sua existência inunde o sujeito, suporte-o, invada-o ou até o dilacere por completo, é o que testemunham ao analista as tensões, as suspensões e as fantasias com que ele depara; mas resta ainda dizer que é sob a forma de elementos do discurso particular que essa questão no Outro se articula.”(LACAN, 1957, p. 556).

Lacan aponta que a questão de sua existência coloca-se para o sujeito como uma pergunta articulada. Ele diz ainda que essa pergunta se articula no Outro sob a forma de elementos do discurso. Aqui precisamos definir o que se entende por Outro. O Outro é o lugar da ordem simbólica, o tesouro dos significantes. Então, a pergunta “que sou eu nisso?” pode ser lida como “que sou eu no discurso?”. Sobre essa resposta que o sujeito busca, Lacan diz que “nem por isso a encontra, pois, nesse nível, ele encontra no Outro esse buraco, esse vazio, que articulei dizendo-lhes que não há Outro do Outro, que nenhum significante possível garante a autenticidade da série dos significantes, que não há nada que, no nível do significante, garanta, autentique, como quer que seja, a cadeia significante e a fala.”(LACAN, 1958, p. 404).

Então, quando falei anteriormente que o sujeito não encontra significante que o represente, pode-se entender que não há, no Outro, significante que responda pela existência do sujeito. Existe, portanto, uma falta no Outro, que sendo o tesouro dos significantes, não dispõe de ao menos um significante. Aquele que representa o sujeito. Essa é a resposta que o sujeito busca no Outro, que como disse Lacan, não é encontrada, saliento, no nível do significante.

Onde, então, se encontra o desejo para um sujeito que se localiza no intervalo significante? Lacan (1960) vai trabalhar com o modelo do grafo do desejo para dar conta dessa questão, que não detalharei nesse momento. Mas devemos nos lembrar que a constituição do sujeito não se dá independente do Outro e que dele depende que a sua demanda seja atendida. É o Outro materno quem interpreta o grito do infans como uma demanda, e é ele quem tem o poder de privá-lo de sua presença. Mas o que garante que o Outro vai continuar assegurando sua subsistência? É este enigma que introduz uma reformulação da pergunta “que sou nisso?” em “que queres?”.

Cito Lacan no Seminário O Desejo e sua Interpretação:

“Segundo a doutrina, a prática e a experiência freudianas, repito, a posição do desejo consiste em estar excluído, ser enigmático. Com relação ao sujeito, ele está essencialmente ligado à existência do significante, recalcado como tal, e sua construção, sua restauração, passa pelo retorno desses significantes. Mas isto não quer dizer que a restituição desses significantes enuncie pura e simplesmente o desejo. Uma coisa é o que se articula nesses significantes recalcados e que é sempre uma demanda, o desejo é outra coisa, na medida em que o desejo é aquilo mediante o que o sujeito se situa, devido à existência do discurso, com relação a essa demanda.”(LACAN, 1958, p. 158).

Aqui Lacan coloca que a restituição dos significantes recalcados não enuncia o desejo, isso é na verdade a demanda. O sujeito da linguagem se situa, então, como efeito do encontro não com o significante, mas com ao menos dois significantes articulados, e a articulação entre esses significantes, que é a demanda, abre o além da demanda, que é o desejo.

O desejo é o que está para além de toda demanda. No escrito A direção do tratamento e os princípios de seu poder, Lacan diz que “a fantasia, em seu uso fundamental, é aquilo mediante o qual o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente, evanescente porquanto a própria satisfação da demanda lhe subtrai seu objeto.” (LACAN, 1958, p. 643). Ou seja, a cada vez que a demanda é atendida, o objeto do desejo é subtraído. Isso acontece desde a primeira experiência satisfação do infans, mítica por definição, uma vez que o significante, como tal, não responde ao seu mal-estar, que é interpretado linguajeiramente por um Outro pré-existente.

Entendemos com Lacan que o Outro é o inconsciente. Assim, quando Lacan (1960) diz que “o desejo do homem é o desejo do Outro”, podemos entender que o desejo é inconsciente. O ponto chave para entender isso, segundo Alfredo Eidelsztein (2017), é a insciência do desejo. Não se sabe não porque é desconhecido, não se sabe porque não se pode saber, porque é impossível. Não há demanda que não abra um além da demanda. Isso é o desejo. A substância do desejo, portanto, é uma opacidade.

O sujeito demanda ao Outro pelo seu desejo e aí ocorre uma inversão. Essa pergunta “o que quero?”, que ele dirige ao Outro, volta como outra pergunta: “o que quer de mim?”. Cito Eidelsztein:

“Essa inversão é estrutural, considerando que meu desejo é o desejo do Outro, se minha pergunta é pelo meu desejo, será enquanto Outro que desejo, e somente poderei resolver essa questão se estabeleço a função do objeto do desejo do Outro. É aí onde o sujeito se oferece e é capturado como objeto de desejo do Outro.” (EIDELSZTEIN, 2017, p. 126)

Alfredo Eidelsztein (2017) coloca que com a fórmula “o que quer de mim?”, Lacan está afirmando que o desejo não é do sujeito e que o Outro não sabe o que o sujeito é para ele, e se o Outro não sabe, muito menos poderá sabê-lo o sujeito. Ou seja, a estrutura do desejo não é um “eu desejo”, mas um “se deseja”, é enquanto Outro que se deseja (EIDELSZTEIN, 2017). Porque isso escapa, é que está do lado do Outro, e é lá que o sujeito pode articular a pergunta pelo seu desejo. O fantasma é a forma de elaborar algo dessa obscuridade, é a modalidade estrutural da pergunta sobre o que quer o Outro. Cito Lacan no texto A direção do tratamento e os princípios de seu poder:

“a fantasia (...) levando a demanda aos limites do ser, faz com que o sujeito se interrogue sobre a falta em que ele aparece a si mesmo como desejo.”(LACAN, 1958, p. 644).

Então Lacan articula que se sujeito e objeto estão em falta, é o fantasma que pode sustentar o sujeito como desejante. Mas percebam que essa é a ficção. O desejo inscreve, assim, a questão da falta, tanto do sujeito desejante como do objeto desejado. Temos, portanto, o sujeito como desejo, e não como desejante. O sujeito desejante já é um fantasma neurótico. Cito Lacan no Seminário O Desejo e sua interpretação:

“Já que o sujeito teme que seu desejo desapareça, isso deve significar que em algum lugar ele se deseja desejante. É essa a estrutura do desejo – prestem bem atenção - do neurótico.” (LACAN, 1958, p. 445).

Isso é o que ele inscreve na fórmula da fantasia: “desvanecido eu como sujeito ($), o que me resgata é desejar (<>) um objeto (a)”. O que produz a ficção “eu desejo tal objeto” é o fantasma. Porém, segundo Eidelsztein, Lacan aponta que a ficção está justamente no *eu desejo*. (EIDELSZTEIN, 2017)

Nesse sentido, o objeto não é o fundamental no fantasma, e sim a pergunta. A função fundamental é a de sustentar o sujeito, seja como sujeito desejante ou como objeto de desejo para o Outro (EIDELSZTEIN, 2017). Cito Lacan no Seminário A Identificação:

“É que ser o objeto do desejo do Outro só é uma situação suportável quando podemos nomear esse desejo, dar-lhe feições em função de nosso próprio desejo. Mas, tornar-se o objeto de um desejo ao qual não podemos mais dar nome e tornarmo-nos nós mesmos um objeto cujas insígnias não tem mais sentido, já que elas são, para o Outro, indecifráveis.”(LACAN, 1961, p. 290).

O fantasma tem a função então de *suportar* o desejo, no sentido de *sustentar* o sujeito enquanto desejante, como vimos; de tornar *suportável* o desejo, uma vez que sendo o desejo pura opacidade, é da ordem do real, e estar diante disso sem o véu do fantasma é ficar diante da angústia; e de suportar ser objeto de desejo do Outro, pois ser o objeto de desejo do Outro sem saber o que ele quer, também é a angústia.

**REFERÊNCIAS:**

EIDELSZTEIN, A. **O grafo do desejo**. São Paulo: Toro editora, 2017.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958).In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957).In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **Seminário A lógica do fantasma (1966-1967)**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.(Publicação não comercial)

LACAN, J. **Seminário A identificação (1961-1962)**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (Publicação não comercial)

LACAN, J. **Seminário 6: O desejo e sua Interpretação (1958-1959)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.